

ATLAS GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE QUEVEDOS (RS)

DOI: 10.4025/percurso.v6i2.23412

Natália Lampert Batista

Mestranda em Geografia/Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: natilbatista3@gmail.com

Valdemar Valente

Professor do curso de Geografia/Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). E-mail: geografia@unifra.br

RESUMO: Os Atlas Municipais são bastante relevante para estudo e compreensão do espaço geográfico, pois conduzem, por meio de representações gráficas e de modelos conceituais, ao entendimento da organização do espaço e das relações que se dão sobre/sob ele. Neste contexto, o objetivo geral do presente artigo é: identificar a contribuição do Atlas Geográfico do Município de Quevedos/RS para a educação geográfica, bem como analisar os conhecimentos dos moradores sobre o lugar. Com relação aos procedimentos metodológicos, a princípio foi realizada uma pesquisa teórica sobre o Ensino de Geografia, a Cartografia Escolar e o Espaço Geográfico. A partir disso, foi construída e aplicada aos educadores Geográficos e aos moradores do município entrevistas estruturadas para verificar a contribuição do Atlas e os conhecimentos sobre o município, respectivamente. Concluiu-se que existe um elevado índice de desconhecimento da realidade local por parte de seus moradores e que a construção de um Atlas Geográfico Municipal possibilita a inovação dos educadores, bem como o envolvimento dos alunos com o conhecimento geográfico de forma e dinâmica, pois o material permite trabalhar com a realidade dos educandos e faz com que as práticas pedagógicas se tornem mais coerentes com sua vivência.

Palavras-chave: Atlas; Cartografia; Ensino de Geografia.

GEOGRAPHIC ATLAS OF QUEVEDOS (RS)

ABSTRACT: The Municipal Atlas are quite relevant to the study and understanding of geographical space, because they lead through graphical representations and conceptual models to understand the organization of space and the relationships that occur over/under him. In this context, the general objective of this paper is: identify the contribution of Geographic Atlas of the County of Quevedos/RS for geographic education, and analyze the knowledge of residents about the place. With respect to the methodological procedures, the principle theoretical research on the Teaching of Geography, Cartography School and the Geographic Area has been performed. From this it was built and applied to educators and residents of the municipality structured interviews to verify the contribution of Atlas and knowledge of the city, respectively. It was concluded that

there is a high level of unfamiliarity of local realities by its residents and that the construction of a Municipal Geographic Atlas innovation enables educators and student engagement with the geographical knowledge of form and dynamics, because the material enables to work with the reality of the students and makes teaching practices become more consistent with their experience.

Key words: Atlas; Cartography; Geography teaching.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Cartografia¹ é extremamente relevante para estudo e compreensão do espaço geográfico, pois permite, através das representações, que se analise a composição da área de estudo. Os Atlas Geográficos são produtos que reúnem e sintetizam as inúmeras informações e conhecimento sobre a realidade, isto é, são modelos conceituais sobre o mundo que contribuem significativamente para a interpretação e entendimento das relações e da organização do espaço.

A Cartografia Escolar que, segundo Almeida (2007), se estabelece na interface Cartografia, Educação e Geografia, tem os mapas e Altas como grandes aliados, pois as representações cartográficas permitem uma abordagem consistente sobre o espaço geográfico. Além disso, os Atlas Municipais possibilitam o estudo do lugar que é fundamental ao desenvolvimento das noções de identidade e de pertencimento e, consequentemente, de cuidado com o local.

Logo, a construção de um Atlas Geográfico do município de Quevedos/RS, contruibui muito com o ensino de Geografia e para a compreensão das transformações na organização do espaço local, bem como é uma possibilidade de conduzir os alunos a compreesão das complexidades locais.

Neste contexto, o Ensino de Geografia deve assumir um papel desafiador e fundamental: instrumentalizar os alunos para conhecer o lugar e sua inter-relação com o todo, pois demasiadas vezes tem-se “informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares (...),

¹“A Cartografia é o conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervêm na construção de mapas, cartas e plantas (...), bem como no seu emprego pelo homem. Assim, a Cartografia é uma ciência, uma arte e uma técnica. Na Geografia, oferece a compreensão espacial do fenômeno estudado, tanto no cotidiano como no científico, tendo uma função prática para o conhecimento do território” (CASTROGIOVANNI, 2010, p. 38).

mas não se sabe o que existe e o que está acontecendo no lugar onde vivemos” (CALLAI, 2000, p. 85).

O desconhecimento existente sobre o lugar, por sua vez, possibilita ações alienadas e meramente economicistas, o que acarreta em degradação e em descuido. Assim, a Geografia deve possibilitar ao aluno o conhecimento sobre o lugar, sensibilizando-o e fazendo-o se sentir parte deste *local*², isto é, deve conduzir o educando as noções de identidade e de pertencimento para que possa intervir de modo consciente no meio em que vive (BATISTA; CASSOL; BECKER, 2014).

Neste sentido, a construção do Atlas Geográfico do Município de Quevedos conduz (os alunos e demais leitores) ao entendimento do espaço local e das relações deste com o regional, o nacional e, possivelmente, com o global, permitindo a compreensão e o conhecimento do lugar de modo mais coerente e profundo. O Atlas está estruturado em seis eixos principais, a saber: características gerais do município, contextualização histórica, meio natural, população e perfil socioeconômico, percepção ambiental e turismo e cultura. Tais eixos foram escolhidos a fim de dar subsídio ao entendimento da realidade em múltiplas dimensões correlacionando-as e sintetizando saberes sobre o local.

Neste contexto, o objetivo do presente artigo foi: identificar a contribuição do material didático para a educação geográfica, bem como analisar os conhecimentos dos moradores sobre o lugar. Para isso, foi abordado o Estudo do Lugar, por meio da Cartografia Escolar e do Ensino de Geografia, como elemento fundamental a compreensão e atuação frente à realidade local. A seguir, apresentar-se-á um breve relato dos educadores Geográficos que trabalham nos Anos Finais, do Ensino Fundamental, do município de Quevedos sobre o material de ensino, bem como a síntese dos resultados obtidos com a pesquisa sobre os conhecimentos dos moradores.

²“Ao estudar o local, não se pode perder de vista o regional, o nacional e o mundial, num movimento necessário para a amplitude de tratamento das questões. Superam-se a simples descrição e o tratamento simplório ao fazer o exercício e buscar referências maiores que permitam entender o fenômeno em uma dinâmica própria” (CALLAI, 2013, p. 144).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem da Geografia, em sala de aula, deve ocorrer de forma contextualizada para que os alunos possam fazer inter-relações mais amplas frente ao mundo que os cerca e, por conseguinte, desenvolver sua autonomia e exercitar a compreensão do espaço.

Almeida; Passini (2002, p. 28) apontam que:

A exploração do espaço ocorre a partir do nascimento, através de experiências que a criança realiza em seu entorno. Ao ser tocada, ao ser segurada no colo, ao sugar o seio para mamar, a criança começa a aprendizagem do espaço. Em sua memória ficam registrados os referenciais dos lados e das partes do corpo, os quais servirão de referenciais espaciais.

Porém, é na escola que deve ocorrer à aprendizagem espacial voltada para o entendimento dos modos pelos quais a sociedade se organiza. Assim, é preciso que a Geografia faça com que o aluno se sinta parte integrante daquilo que está estudando, bem como “se reconheça como sujeito que tem uma história, que tem um conhecimento prévio do mundo e que é capaz de construir o seu conhecimento. (...) O desafio aos professores se refere a como aprender a ensinar a ler o mundo, a realidade em que vivemos, para que o aluno faça também” (CALLAI, 2013, p. 136).

Assim, a profissão professor tem uma imensa responsabilidade social frente às futuras gerações e à organização do *espaço*³, ministrando aulas dinâmicas para trazer os alunos à Geografia, que, por toda sua abrangência teórico-metodológica, é indispensável ao engajamento social dos (jovens) cidadãos.

Para Ortiz (2007, p. 147), “não se permite mais retornar à concepção de educação sem impingir a ela o caráter determinante à formação de uma consciência ampla, crítica, que promova a

³Para Santos (1988), o espaço é um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes; não entre estes especificamente, mas para os quais eles servem de intermediários, ou seja, o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais. Neste sentido, o espaço geográfico é o cenário sobre o qual as paisagens, os objetos, os homens, a natureza, enfim, a vida surge e se transforma constantemente.

possibilidade de mudança”, ou seja, não se pode admitir uma educação apática e que não desenvolva o pensar crítico-reflexivo dos alunos.

Segundo Guidugli (2006, p. 125)

Um dos mais importantes papéis da Geografia está em ensinar crianças e jovens para que ajudem a construir um mundo melhor. Nessa afirmativa, está implícita a ideia de construir o futuro para um mundo que se torna, cada vez mais, complicado e desafiador.

Desse modo, devem-se desenvolver materiais de ensino que possibilitem a compreensão dos elementos do espaço geográfico de forma mais contextualizada e vinculada ao dia a dia, para que os educandos valorizem a Geografia e compreendam seu importante papel frente à organização do espaço e à construção de um mundo melhor.

Neste contexto, a Cartografia Escolar é muito importante para a construção dos conhecimentos geográficos, pois, por meio dela, são representados elementos e/ou características dos fenômenos que contribuem com a compreensão do espaço.

Segundo Almeida (2007, p. 9):

A cartografia (...) ao se constituir como área de ensino, estabelece-se também como área de pesquisa, como um saber que está em construção no contexto histórico-cultural atual, momento em que a tecnologia permeia as práticas sociais, entre elas, aquelas realizadas na escola e na sociedade. (...) A cartografia escolar está se estabelecendo na interface cartografia, educação e geografia, de maneira que os conceitos cartográficos tomam lugar nos currículos e nos conteúdos de disciplinas voltadas a formação de professores.

No contexto da Cartografia Escolar, Martinelli (2011, p. 257) aponta que a elaboração de um Atlas não é fácil. “Não basta simplificar seus mapas, nem torná-los mais atraentes, muito menos selecionar os temas mais fáceis. Estes componentes devem ser ponderados, mas não são os essenciais. Tal tradição persiste negligenciando toda uma fundamentação metodológica específica”.

Os Atlas, nesta perspectiva, oferecem uma visão de síntese das relações espaciais e da distribuição dos diferentes elementos que compõem o espaço, sendo baseados no uso de símbolos,

ou seja, possibilitam uma melhor compreensão do ordenamento do espaço geográfico. Neste sentido Almeida; Passini (2002, p. 17), argumentam que ler um mapa

É um processo que começa com a decodificação, envolvendo algumas etapas metodológicas as quais devem ser respeitadas para que a leitura seja eficaz. Inicia-se a leitura pela observação do título. Temos que saber qual o espaço representado, seus limites, suas informações. Depois é preciso observar a legenda ou a decodificação propriamente dita, relacionando os significantes e o significado dos signos relacionados na legenda. É preciso também se fazer uma leitura dos significados-significantes espalhados no mapa e procurar refletir sobre aquela distribuição-organização. Observar também a escala gráfica ou numérica acusada no mapa para posterior cálculo das distâncias a fim de se estabelecer comparações ou interpretações.

A partir disso, os Atlas permitem analisar mais profundamente o espaço, pois oportunizam uma abordagem desafiadora e inovadora, transitando entre o local e o global, constituindo-se como um recurso didático de grande riqueza que possibilita inúmeras contribuições ao Ensino de Geografia e ao Estudo do Lugar.

Conforme Felipe; Rodriguez (2009, p. 3), um

Atlas é o instrumento que ajuda na reflexão (...) sobre as questões do tempo e do espaço. (...) Tem uma peculiaridade interessante porque, ao mesmo tempo em que faz uma abordagem abrangente, inovadora, pode revelar toda uma complexidade a partir dos desafios e das desigualdades analisadas, compreendendo uma possível projeção para as questões futuras.

O Atlas oferece à escola um novo recurso didático acerca do lugar que permite ao educador criar novas estratégias de ensino a partir de temáticas integrantes do currículo escolar (VIERO, 2003). Logo, a educação geográfica deve estar pautada em análises desafiadoras para que os alunos busquem construir novas visões e percebam que a realidade é multidimensional, isto é, tem inúmeras facetas.

Neste sentido, no estudo do espaço geográfico local, por meio da Cartografia Escolar, torna-se fundamental à compreensão das *rugosidades*⁴ e da identidade impressa no lugar através da

⁴A expressão *rugosidades* refere-se às marcas e/ou materializações que se dão no espaço geográfico através da alteração deste.

dimensão histórico-natural deste, ou seja, a abordagem do espaço geográfico local permite um melhor entendimento das marcas, da identidade e da organização do espaço do município que integra uma estrutura e uma conjuntura maior. “Portanto, o espaço é testemunha de momentos de um modo de produção, no qual, em cada paisagem criada, é fixada a construção das forças produtivas e dos instrumentos utilizados” (VALENTE, 2001, p. 12).

Segundo Valente (2001), o estudo da organização do espaço exige relações, combinações, inter-relações e localizações entendidas de forma dinâmica e tomadas como eixo norteador da compreensão dos elementos que constituem e dão origem à diversidade. Isto significa que é indispensável compreender o local sem perder de vista o todo e sem perder a noção de que esse todo tem influência direta no lugar, talvez em maior proporção aqui ou ali.

De acordo com Lacoste (1988, p. 55 *apud* AGUIAR, 2011, p. 52-3),

Vai-se à escola para aprender a ler, a escrever e a contar. Por que não para aprender a ler uma carta? Por que não para compreender a diferença entre uma carta em escala grande e uma outra em escala pequena e perceber que não há nisso apenas uma diferença matemática com a realidade, mas que elas não mostram as mesmas coisas? Por que não aprender a esboçar o plano da aldeia ou do bairro que conhecem, aquele onde vivem, aquele onde os pais das crianças vão trabalhar, etc.? Por que não aprender a se orientar, a passear na floresta, na montanha, a escolher determinado itinerário para evitar uma rodovia que está congestionada?

Segundo Oliveira (2007), o mapa é um dos mais valiosos recursos para o professor de Geografia, porque contribuem com uma grande variedade de propósitos. Entre suas funções e suas finalidades podem-se destacar: a visualização da paisagem representada pelos símbolos, à compreensão de diferentes tipos de informação, a relação entre os fatos revelados pelo mapa e a tradução das informações obtidas por pesquisas para a sua linguagem.

Então, a construção do Atlas do município de Quevedos contribui significativamente com o Ensino de Geografia frente à percepção das potencialidades e das fragilidades da organização do espaço local, bem como possibilita aos alunos e aos moradores o entendimento do lugar, estimulando o sentimento de pertencimento e atitudes de valorização e de cuidado.

3. METODOLOGIA

A metodologia consiste no caminho pelo qual o pesquisador e/ou estudante (graduando, mestrando, etc.) conduz seu trabalho, podendo ser reinventada a cada etapa, de acordo com os resultados obtidos; ela é o trajeto/caminho seguido para a concretização dos objetivos de uma proposta de pesquisa.

Isto posto, o presente estudo pode ser considerado qualitativo, pois busca identificar a contribuição do Atlas para a educação geográfica, bem como analisar os conhecimentos dos moradores sobre o lugar e suas implicações na organização do espaço.

Como afirma Minayo (1994, p. 21),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. (...) Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Com relação aos procedimentos técnicos este trabalho pode ser considerado um estudo de caso, segundo Gil (1991 *apud* SILVA; MENEZES), é quando se envolve o estudo profundo e exaustivo de um objeto até o seu conhecimento. Aqui se tem como objeto o município de Quevedos e o Atlas construídos a partir do estudo de caso.

Com relação aos procedimentos metodológicos, a princípio foi realizada uma pesquisa teórica sobre o Ensino de Geografia, a Cartografia Escolar e o Espaço Geográfico. A partir disso, foi construída e aplicada aos moradores do município uma entrevista estruturada, isto é, com questões previamente definidas, mas que possibilitavam a discussão e inclusão de outras temáticas de acordo com o relato do respondente, cujo objetivo foi verificar o conhecimento acerca do lugar por seus habitantes. As temáticas das questões estavam vinculadas aos capítulos do Atlas, a saber: contextualização histórica, meio natural (clima, relevo, hidrografia, flora e fauna), população (características gerais e atividades econômicas no meio rural e no urbano), percepção ambiental, turismo, cultura e relatos gerais.

A amostra de pesquisa entre os munícipes foi de 136 habitantes, utilizando-se amostras classificadas, segundo Silva; Menezes (2005), como causais estratificadas (onde cada extrato da população – urbana e rural – está representado proporcionalmente à ocorrência). Desses entrevistados 36 foram urbanos e 100 rurais; esta amostra corresponde à cerca de 5% do universo

de 2.710 moradores. A proporção estabelecida entre os respondentes urbanos e rurais justifica-se pelo fato de que apenas cerca de 27% da população do município vive na cidade e os outros 73%, no campo (IBGE, 2010).

Após isso, os três professores de Geografia que trabalham nos Anos Finais, do Ensino Fundamental, foram convidados a responder ao questionário aberto sobre o Atlas e a importância da Cartografia escolar, a fim de verificar a percepção deles frente ao material; obteve-se retorno de 67% do universo. As questões aplicadas foram: a) “A partir de sua vivência em sala de aula, qual a contribuição da Cartografia para o Ensino de Geografia?”; b) “Quais os conhecimentos, vinculados a Cartografia, que os alunos sentem mais dificuldade quando você os aborda em sala de aula?”; c) “Você acredita que a construção de um Atlas Geográfico, vinculado ao estudo do espaço local, pode contribuir com sua prática em sala de aula? Por quê?”; d) “Quais os conteúdos relacionados ao Ensino de Geografia, com enfoque no espaço local, que você considera mais relevantes para a construção de uma identidade local e para a edificação da cidadania do alunado?”; e e) “Você considera que os moradores do município de Quevedos conhecem (profundamente) o seu município? Justifique”.

Após, os dados referidos foram analisados, gerando o texto final da pesquisa. Cabe destacar que este trabalho está vinculado à linha de pesquisa do curso de Geografia, do Centro Universitário Franciscano, denominada “Geografia, ensino e tecnologias” e contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto: Geografia/Centro Universitário Franciscano.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O município de Quevedos (RS), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), integra a mesorregião Centro-Oeste do Rio Grande do Sul e a microrregião de Santiago. Este foi criado em vinte de março de 1992, pela Lei Estadual nº 9.589. Seus limites são Tupanciretã (a Norte); Jari (a Oeste); São Martinho da Serra (a Sudeste); Toropi (a Sudoeste); Júlio de Castilhos (a Leste); e São Pedro do Sul (ao Sul) (conforme a figura 1).

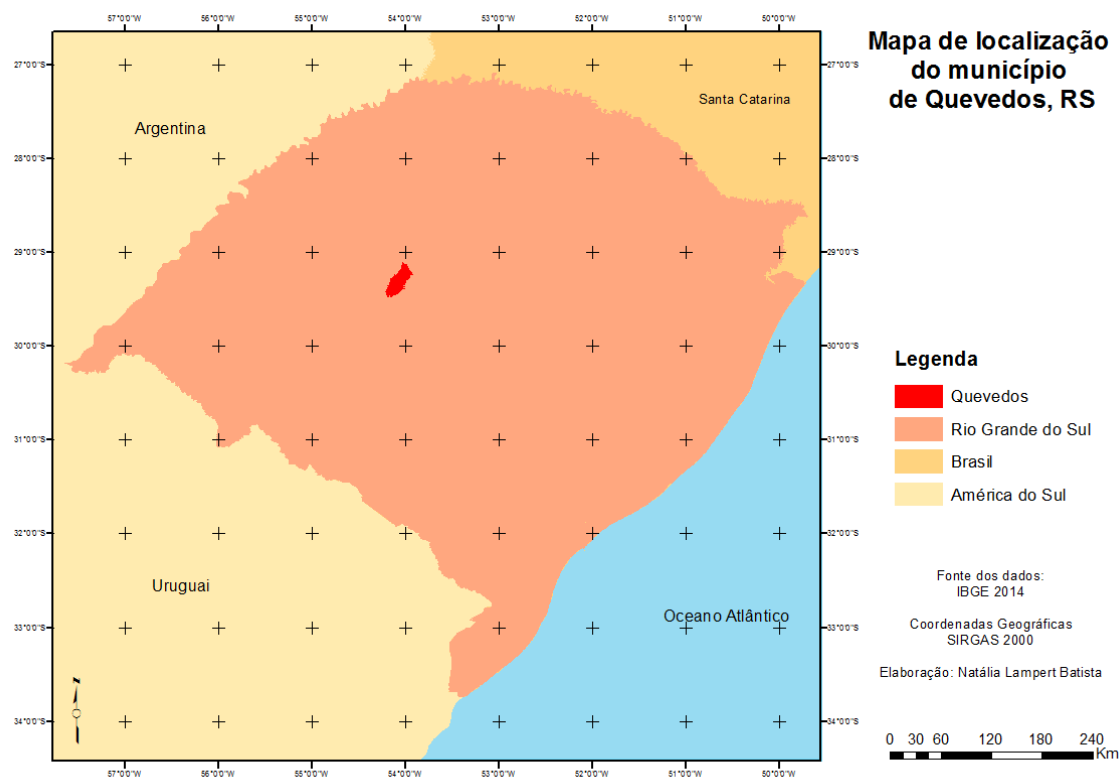


Figura 1: Mapa de localização do município de Quevedos, RS.

Devido ao reduzido número de publicações e materiais didáticos voltados à área de estudo, bem como a necessidade de auxiliar a construção de conhecimentos sobre a realidade local, por parte dos educandos e dos munícipes, pensou-se o projeto “Atlas Geográfico do Município de Quevedos (RS)”. A seguir será apresentada a contribuição deste material para a comunidade escolar, destacando-se a percepção dos docentes geógrafos sobre a construção do Atlas (figura 2) e sobre a cartografia escolar; e uma breve análise sobre os conhecimentos dos moradores acerca do lugar.

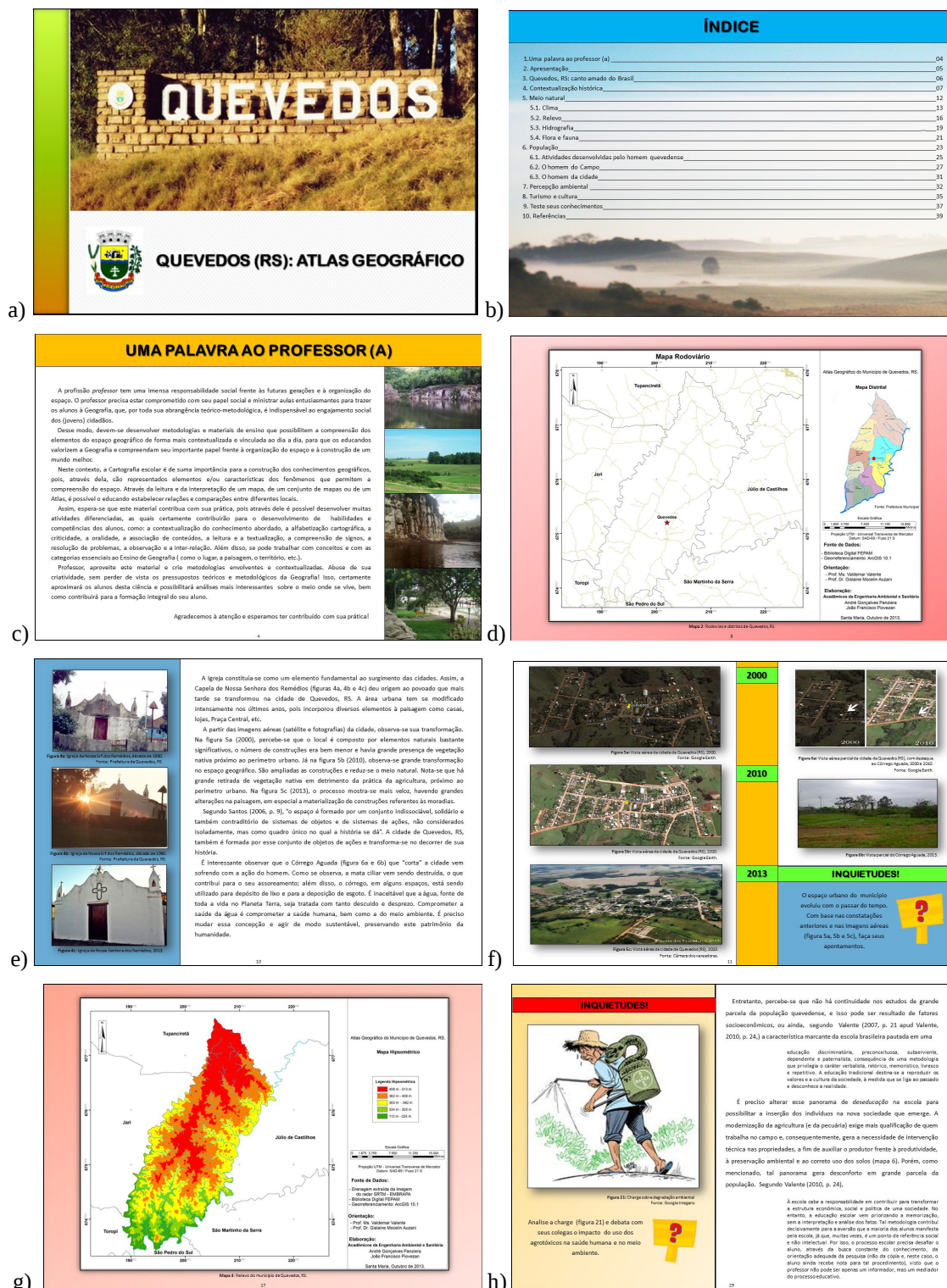


Figura 2: Páginas do Atlas Geográfico construído: a) Capa; b) Sumário; c) Introdução; d) Características gerais do município; e) Contextualização histórica; f) Evolução urbana; g) Quadro Físico e h) Percepção Ambiental.

Os professores de Geografia, dos Anos Finais, do Ensino Fundamental do município, ressaltaram que a Cartografia Escolar contribui significativamente para sua prática, o Educador 1 (E1) apontou que ela é *“importante porque permite a localização no espaço geográfico; conhecer o espaço tanto nos aspectos físicos como humanos”*. Já o Educador 2 (E2) menciona que sua contribuição é *“plena, pois sem ela fica quase impossível entender o espaço geográfico; seu uso facilita totalmente a compreensão do espaço a ser estudado”*.

Assim, percebe-se que a Cartografia, na concepção dos educadores, é indispensável à compreensão do espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, pois permite uma melhor compreensão das características geográficas de determinada região, bem como auxilia o entendimento da organização do espaço.

Após, questionou-se quais conhecimentos cartográficos os alunos têm mais dificuldade em sala de aula. O E1 apontou *“questões de localização, orientação, interpretação de carta, mapas ou plantas. Entender escalas e coordenadas”*. Em contraponto, o E2 mencionou que as dificuldades são *“principalmente relacionadas a relevo e sua formação; ambiente e suas transformações”*. Pensando nisso, foram propostos no Atlas, textos, mapas e fotografias que fundamentam as questões físicas e humanas do município, atreladas às questões ambientais. Além disso, colocaram-se caixas explicativas (denominadas *“Te liga!”*) sobre diversos conceitos geográficos para facilitar a compreensão dos termos mais difíceis.

Já os conteúdos relacionados ao Ensino de Geografia, com enfoque no espaço local, que o E1 considera mais relevantes para a construção de uma identidade local e para a edificação da cidadania do alunado, são *“os aspectos físicos (como clima, a influência do homem, bem como relevo e vegetação), a questão ambiental (preservação e sustentabilidade), as questões culturais (resgate de vivências) e conhecer o espaço como possibilidade de constante transformação; criar autonomia e autoria para que o aluno interfira no seu espaço de forma positiva e sustentável”*. O E2 acredita que *“a Geografia econômica e agrária. Também os impactos ambientais decorrentes do crescimento econômico”*, são bastante relevantes a abordagem do Atlas.

Os professores acreditam que os alunos não conhecem o espaço local, e proporcionar essa aproximação com os elementos que os cercam pode ser uma grande contribuição do Atlas Geográfico do município. Para o E1, *“os moradores não conhecem bem o seu município, não conhecem o potencial que têm os aspectos naturais e humanos, para atuar de forma que haja*

crescimento humano e econômico e que essa interferência seja cidadã e ética” e, por não conhecerem o município, “acabam não o valorizando” (E2).

Não conhecer o local onde se vive acaba comprometendo a identidade do indivíduo e sua relação com o espaço local, pois não é possível se identificar ou mesmo gostar de algo desconhecido. Esse desconhecimento, por sua vez, leva a desvalorização e a perda de referenciais locais, comprometendo a qualidade de vida.

Sobre a construção do Atlas Geográfico de Quevedos, RS, o E1 afirma que *“pode contribuir muito, porque o aluno vai conhecer e compreender o espaço local, sempre percebendo que este espaço faz parte de um espaço maior que é o mundo”*. Já o E2 aponta que auxiliará *“totalmente, pois os alunos desconhecem o espaço local e possuem dificuldade em associar o que é estudado com o seu entorno”*.

Conforme Ascenção; Valadão (2013, p. 61) a educação geográfica “deverá ter como objetivo central a formação cultural do aluno pelos conhecimentos que constituem essa ciência. Tais conhecimentos deverão ser articulados, postos em interação, pois assim se favorecerá o educando com o desenvolvimento do raciocínio espacial” e com a compreensão dos *porquês* da realidade em que o aluno está inserido.

Quando se aplicou as entrevistas aos moradores, percebeu-se grande desconhecimento frente à realidade local. Além disso, muitas pessoas demonstravam não gostar do município, principalmente aquelas que sabiam pouco sobre ele.

Assim, a possibilidade de conhecer a história e as características geográficas do lugar, por meio do Atlas do município, permite valorizá-lo, bem como faz sentir-se parte dele, isso é, desenvolve a noção de pertencimento e a consequente ideia de responsabilidade sobre o espaço local.

Segundo Vesentini (2003, p. 16),

uma sociedade não está no espaço, mas ela também é espaço, constrói, (re)organiza, (re)produz constantemente o seu espaço (ou espaços). E o espaço (ou espaços) não é algo inerte e sim uma dinâmica, um resultado de ações e reações, de confrontos, de lutas que mudam, conservam ou (re)produzem as coisas.

Neste sentido, o primeiro morador de Quevedos – José de Quevedo de Macedo – iniciou a construção da história do município, mas os atuais habitantes também a estão (re)construindo, pois são sujeitos atuantes sobre o espaço. Portanto, a história é feita por personagens históricos e, em especial, pela população que transforma o meio onde vive diariamente. Logo, “a história não está no tempo, mas ela é o tempo da sociedade” (VESENTINI, 2003, p. 16).

Sob a perspectiva histórica do município, aponta-se que o Rio Grande do Sul, durante certo período, manteve relações comerciais com São Paulo, fornecendo-lhe matérias-primas. Durante um deslocamento comercial, José de Quevedo de Macedo conheceu a região que hoje constitui o município de Quevedos.

Segundo os descendentes do tropeiro, ele chegou no século XIX, trazendo no bolso uma imagem da atual padroeira, Nossa Senhora dos Remédios, da qual era devoto, história bastante difundida e ilustrada no Hino Municipal (IBGE, 2013). Ao caminhar a margem do Rio Toropi, ficou encantado com o local, decidindo se estabelecer ali, juntamente com sua esposa e seus nove filhos.

Conforme Pereira (2004), os ‘Quevedo’ deram origem a essa freguesia, através da Estância de Quevedos. Em 1820, uma das filhas de José, Josefa, mandou construir uma capela com paredes feitas com rochas e cobertura de capim (segundo alguns moradores, a “Igrejinha” foi erguida para pagar uma promessa), a qual deu origem ao povoamento onde, hoje, é a cidade. Após a emancipação, foi restaurada, porém, não manteve todas as características originais, entre elas a cobertura.

Através das entrevistas, percebeu-se que 53% dos moradores sabem a origem do primeiro morador, bem como da padroeira do município e a data da construção da Igreja Matriz; em geral, aqueles que vivem há pouco tempo no município não dominam tais conhecimentos.

Assim como compreender as características socioeconômicas de um lugar, estudar suas características físicas é bastante relevante. De acordo com Auzani (2010, p. 11), “o conhecimento do meio físico-natural a ser explorado é de grande importância para o desenvolvimento correto das atividades humanas”, ou seja, é fundamental conhecer os recursos disponíveis no município, no Estado e/ou no País para saber como utilizá-los de modo adequado.

Costa; Moreira (1986, p. 15) apontam que “a natureza dotou o território gaúcho de aspectos físicos singulares”. O mesmo ocorre com o município de Quevedos. Ele conta com paisagens

bastante diversificadas (figura 2) e isso possibilita desenvolver diferentes formas de aproveitamento. A seguir, apresentar-se-á algumas respostas as entrevistas sobre as características físicas do município.



Figura 2: Paisagens no município de Quevedos. a) Planalto na porção Norte; b) Rebordo da Serra Geral, na Porção Sul.

O clima do município estudado constitui-se como subtropical. Contudo, 15% dos moradores afirmaram ser tropical; 4%, subtropical de altitude; 42%, temperado (porque é um pouco frio e um pouco quente); 7%, mesotérmico; e 32%, subtropical. Assim, percebe-se que há grande desconhecimento, o que, possivelmente, compromete, por exemplo, o desenvolvimento de cultivos.

Quando se questionou sobre o relevo, 6% apontaram a predominância de coxilhas e montanhas suavizadas pela erosão; 57%, coxilhas e serras; 7%, feições características do rebordo da Serra Geral; 23%, planícies e coxilhas; e 7%, depressões e serras, o que também demonstrou bastante desconhecimento sobre a área.

No município de Quevedos, as coxilhas são frequentemente observadas na paisagem. Sobre elas, Costa; Moreira (1986) destacam que são a forma de relevo mais comum no Rio Grande do Sul; seu nome tem origem no espanhol, *cuchilla*, que quer dizer *faca*. “A coxilha tem um perfil semelhante à curvatura próxima à ponta do facão do antigo gaúcho, pois é uma elevação modesta e com longos declives” (p. 28).

Contudo, devido à sua extensão latitudinal, o município apresenta, também, ao Sul, feição do rebordo da Serra Geral o que, segundo Rambo (1994), “depende da possança dos derrames (...);

por isso, esse volume cresce desde as formas mínimas do extremo oeste até o extremo nordeste, alcançando suas proporções mais agigantadas nas nascentes do Pelotas”.

Segundo o IBGE (2013), o município de Quevedos apresenta dois tipos de vegetação original: a Mata Atlântica e os Campos; porém, através de visitação às diversas localidades/distritos do município, pode-se perceber a existência de resquícios de Mata de Araucária bastante evidentes, em especial próximo ao Rebordo da Serra Geral. Além disso, diversos depoimentos são marcados pela presença da araucária. Entre eles, destacam-se aqueles vinculados à destruição do *bioma*, conforme um morador: “*as araucárias recobriam grande parte do município, mas acabaram dando lugar às lavouras*”. Segundo o relatório de monitoramento dos biomas brasileiros por satélite, de acordo com corporação técnica Ministério do Meio Ambiente (MMA)/Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais (IBAMA), o município de Quevedos, RS, em 2008, apresentava 56,38% de seu território desmatado.

Um fato que merece destaque é o alto índice de munícipes (46%) que, ao serem questionados sobre o assunto, afirmam que as *lavouras* e os *campos* são a vegetação original do município; entretanto, lavouras são alterações antrópicas no espaço geográfico agrário, vinculadas ao modo de produção e não são elementos originais de nenhuma parte do mundo.

Parte do desconhecimento sobre o espaço local é reflexo da baixa escolaridade dos moradores e implica em uma organização do espaço, muitas vezes, incoerente com a realidade. Observou-se, que 51% dos entrevistados possui Ensino Fundamental incompleto; 12%, Ensino Fundamental completo; 5%, Ensino Médio incompleto; 15%, Ensino Médio completo; 4% Ensino Superior incompleto; e 13%, Ensino Superior completo.

Um fato relevante é que as pessoas com escolaridade mais baixa são aquelas com idade mais avançada. Isto se justifica, conforme muitos relatos, pelo fato de residirem no município há muito tempo e não terem tido oportunidade de estudar quando jovens, ou porque necessitavam trabalhar ou porque não tinham condições de sair/emigrar em busca da continuação dos estudos, uma vez que, antes da emancipação, Quevedos possuía escolas até a 5ª série (atual 6º ano) do Ensino Fundamental e/ou porque suas famílias não possuíam recursos financeiros para subsidiar a continuação de seus estudos em outros municípios. Já os mais jovens frequentaram a escola por um período bem maior, uma vez que têm o direito e o dever, estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases, de 1996 (Art. 4º, inciso I), de estudar ao menos os nove anos do Ensino Fundamental.

A partir do exposto, acredita-se que a construção do Atlas Geográfico de Quevedos, RS, pode contribuir para reverter o cenário de desconhecimento frente à realidade municipal, fazendo com que a população, em especial, em idade escolar se aproprie, de forma mais contundente, do local onde vive pensando/refletindo criticamente sobre os problemas e, em especial, sobre as fragilidades existentes na área de estudo e criando soluções para suas dificuldades, a partir de suas potencialidades e de sua organização espacial.

5. CONCLUSÃO

A partir do exposto, acredita-se que a principal contribuição da construção de um Atlas Geográfico do município de Quevedos é reduzir o panorama de desconhecimento frente à realidade local por parte dos educandos. Além disso, ele se torna extremamente relevante frente à carência de materiais didáticos e de publicações voltadas à tal área de estudo, podendo, ainda, tornar-se uma alternativa para subsidiar o trabalho dos professores de modo interdisciplinar.

O material didático construído contribui significativamente para o estudo do espaço local (em espacial, nos Anos Finais, do Ensino Fundamental) e para a construção da identidade dos jovens educandos e da noção de pertencimento ao município de Quevedos (RS). Já para os munícipes é uma forma de aprofundar (e edificar) saberes sobre o lugar onde trabalham, produzem e vivem, auxiliando-os no planejamento de suas atividades cotidianas.

Por fim, concluiu-se que a construção de um Atlas Geográfico Municipal possibilita a inovação dos educadores, bem como o envolvimento dos alunos com o conhecimento geográfico de forma inovadora e dinâmica, pois o material permite trabalhar com a realidade dos educandos e faz com que as práticas pedagógicas se tornem mais coerentes com sua vivência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elsa Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 12.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

AGUIAR, Valéria Trevisan. Navegar, com mapas, é bem mais preciso! In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio. **Abordagem do conteúdo “relevo” na educação básica**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Temas da Geografia na escola básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

AUZANI, Gislaine Mocelin. **Uso da terra e caracterização hidropedológica na região de Vila Kramer, São Francisco de Assis – RS**. (Tese de Doutorado) Programa de Graduação em Ciências do Solo. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, 2010.

BATISTA, Natália Lampert; CASSOL, Roberto ; BECKER, Elsbeth Léia Spode. **Contribuições da Cartografia Escolar para a Educação Ambiental**. In: XVII Jornada Nacional de Educação e IV Seminário Interdisciplinar PIBID. Profissão docente: criatividade, identidade e valorização humana, 2014, Santa Maria, RS. Anais [da] XVII JNE e IV Seminário Interdisciplinar PIBID, 2014.

CALLAI, Helena Copetti. **O município: uma abordagem geográfica nos primeiros anos da formação básica**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Temas da Geografia na escola básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André (Orgs.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

COSTA, Rogério Haesbarert da; MOREIRA, Igor. **Espaço e sociedade no Rio Grande do Sul**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

FELIPE, José Lacerda Alves; RODRIGUEZ, Janete Lins. **Atlas Escolares Estaduais: um novo olhar para a educação e a pesquisa geográfica**. In: X Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – Seção Porto Alegre, 2009.

GUIDUGLI, Odeibler Santo. **Geografia no século XXI, uma ciência para a cidadania**. In: GONÇALVES, Rita de Athayde; VIERO, Lia Margot Dornelles; MEDEIROS, Elisabeth Weber;

SILVEIRA, Maria Joane Martins da. **Educação e sociedade:** perspectivas educacionais no século XXI. Santa Maria, RS: UNIFRA, 2006.

MARTINELLI, Marcello. As cartografias e os atlas geográficos escolares. **Revista da ANPEGE**, v. 1, p. 251-260, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Livia. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

ORTIZ, Ail Conceição Meireles. Educação ambiental e educação rural: processos históricos e sociais em análise. In: GONÇALVES, Rita de Athayde; VIERO, Lia Margot Dornelles; ORTIZ, Ail Conceição Meireles. **Desafios da educação na sociedade de consumo**. Santa Maria, RS: Centro Universitário Franciscano, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teórico e metodológico da Geografia. Hucitec. São Paulo, 1988.

_____. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. Ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. 3. Ed. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1994.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia**. Curitiba, PR: Editora IBPEX, 2008.

VALENTE, Valdemar. **A agricultura e a organização do espaço:** O caso do Chapadão, no município de Jaguari, RS, nos últimos 40 anos. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação em Geografia. Rio Claro, SP: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho /UNESP, 2001.

_____. Meio Socioeconômico. In: SANTOS, Flávia Elise Meneghini dos (Coord.). **Plano Ambiental de Jaguari**. Jaguari, RS: Prefeitura de Jaguari/RS, 2010.

VESENTINI, José William. **Nova ordem:** imperialismo e geopolítica global. Campinas, SP: Papirus, 2003.

VIERO, Lia Margot Dornelles. **Atlas municipal escolar geográfico**. Santa Maria, RS: Diário de Santa Maria, 2003.

Sites consultados:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados estatísticos de 2000 e 2010**. Disponível em <<http://www.ibge.com.br>>, acesso em: março de 2013.

PEREIRA, Cláudio Nunes (Org.). **Genealogia Tropeira: Rio Grande do Sul, Séculos XIX e XX**. v. II. Coletânea de material histórico e genealógico. 2004. Disponível em: <<http://www.genealogiacorrea.com.br/GENTROP7.pdf>>, acesso em setembro de 2013.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2005. Disponível em: <https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf> acesso em setembro de 2013.

RELATÓRIO DE MONITORAMENTO DOS BIOMAS BRASILEIROS POR SATÉLITE DE ACORDO COM CORPORAÇÃO TÉCNICA MMA/IBAMA. Brasília: IBAMA. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/relatorio_tecnico_monitoramento_desmate_bioma_pampa_72.pdf>, acesso em agosto de 2013.

Enviado em 27/03/2014

Aceito em 27/11/2014